

CURSO INTENSIVO 2022

Coerência



AULA 07

Prof. Wagner Santos

Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO	3
2 SEMÂNTICA	6
3 QUESTÕES	11
4 GABARITO	19
5 QUESTÕES COMENTADAS	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50



Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Hoje, falaremos de um assunto extremamente importante, que muitas vezes é deixado de lado: a **coerência**. Nossa aula falará sobre a necessidade de termos um texto em que as ideias sejam coerentes.

Bora que só bora?

1 Análise social

Para nossa última análise social do curso, vamos nos dedicar a pensar sobre um aspecto muito importante os brasileiros: **a ideia de Brasil e qual a nossa imagem para o exterior**.

Muitas redações vão ser bastante específicas em pedir que você fale sobre realidades brasileiras. Claro que é muito difícil para qualquer um – até para os estudiosos do tema – falar com toda a segurança o que faz um país ser como ele é. Muitos dados de sua história influem na constituição de um país: sua colonização, sua natureza, seus recursos, sua trajetória política etc.

Não faça o erro de usar expressões taxativas demais em sua redação. Falas como “o problema do Brasil é” ou “o brasileiro é muito (...)” são muito perigosas, pois são generalizantes e não propõe nada: **se o brasileiro for, por exemplo, naturalmente corrupto, então não há solução possível para nenhum problema abordado em seu texto, o que enfraquece todos os seus argumentos**. Há três autores fundamentais e que podem ser usados sempre que quiser falar sobre problemas fundamentais à sociedade brasileira. Vamos ver um pouco mais sobre cada um deles:



Gilberto Freyre

Na obra **Casa grande & senzala**, Gilberto Freyre aborda a formação do povo brasileiro a partir de sua origem de **miscigenação** entre brancos, pretos e indígenas. Os defeitos, qualidades e alguns mitos em torno na ideia de Brasil viriam das características desses povos e, principalmente, dos processos de colonização e papéis sociais estabelecidos então. Ele também disserta sobre a opressão contra a mulher e a influência da religião na composição do país.

É importante para pensar como nosso passado colonial impacta na sociedade até hoje.



Sergio Buarque de Hollanda



No livro **Raízes do Brasil**, o autor cunha o conceito de **homem cordial** como o traço definidor do caráter brasileiro. O homem cordial é aquele que ao mesmo tempo em que estabelece intimidade rapidamente, rejeita as convenções e os formalismos. Isso faz com que tendamos a estabelecer relações de proximidade em qualquer tipo de cenário social, fazendo com que os limites entre público e privado fiquem menos claros.

É importante para pensar relações de ética e civilidade, tanto nas micro quanto macroestruturas.

Roberto DaMatta



DaMatta cunha a expressão **jeitinho brasileiro**. Em sua definição, o jeitinho é um modo particular do brasileiro de ser capaz de improvisar soluções para situações problemáticas. Pode ser visto de maneira positiva (como um sinônimo de criatividade) ou negativa (denotando a ideia de malandragem, corrupção ou desonestidade). O autor aponta, porém, que muitas vezes, diante de uma realidade opressora, o jeitinho é a única chance de sobrevivência para muitos brasileiros.

É importante para pensar como nos relacionamos com as instituições e as regras.

Veja possíveis temas de redação que se beneficiariam dessas ideias:

Nepotismo

A prática de favorecer parentes e amigos no ambiente de trabalho. Como a ideia do homem cordial pode explicar essa mistura entre o público e o privado?

Racismo

Mesmo sendo um país miscigenado, o Brasil segue perpetuando o racismo em diversas instâncias. Como nossa formação cultural e história colonial se relacionam com essa prática?

Desigualdade social

As desigualdades sociais no Brasil não foram ainda superadas. Como nossa história justifica essas desigualdades e como nosso comportamento ajuda a perpetrá-las?

Imigração

O Brasil recebe muitos imigrantes até hoje. Como a ideia de homem cordial e o mito da não existência do racismo no Brasil fortalecem esses fluxos migratórios?

Corrupção

Como a corrupção aparece nas diversas instâncias? Há pesos diferentes, ou seja, pequenas e grandes corrupções? Como as ideias de cordialidade e jeitinho se relacionam com isso?



Um outro assunto importante a se pensar é sobre a expectativa que o estrangeiro deposita sobre o brasileiro. Há uma ideia no mundo – e se você já conversou com um estrangeiro você vai saber do que estou falando – de que o brasileiro é um povo sempre muito feliz, receptivo e alegre. Longe de mim querer dizer que não (até por que eu amo carnaval), mas será que é possível realmente ser feliz o tempo todo?

Alguns dos produtos de exportação culturais do Brasil mais importantes são as praias, o Carnaval, a música, a natureza e as comidas. Esses serão quase sempre as primeiras referências que um estrangeiro apontará sobre o Brasil. Isso, porém, gera alguns problemas: ligados a esse turismo, estão também práticas como o turismo sexual, a invasão de territórios para roubo de nossa fauna e flora e uma reprodução de estereótipos sobre um povo muito diverso. Assim, é importante pensarmos **como mostrar a diversidade cultural do Brasil para o mundo?**



FILMES

Bacurau (2019) Dir.: Kleber Mendonça Filho



Em um futuro próximo brasileiro, Teresa volta para sua pequena cidade natal para o funeral de sua avó. Estranhos acontecimentos, no entanto, começam a mobilizar os moradores da região contra um inimigo desconhecido.

O auto da compadecida (2000) Dir.: Guel Arraes



João Grilo e Chicó são dois homens pobres, porém espertos, vivendo no sertão nordestino. Na obra, acompanhamos sua luta por sobrevivência, fazendo uso de truques e artimanhas contra os moradores do vilarejo – e até contra um cangaceiro.

Tropa de elite 2: O inimigo agora é outro (2010) Dir.: José Padilha



Muita gente viu o Tropa de elite, mas pouca gente viu o segundo filme. E é aqui que a história se completa. Capitão Nascimento, acusado de um crime, é afastado do comando, mas por ser um homem popular, é alçado a um cargo na Secretaria de Segurança.

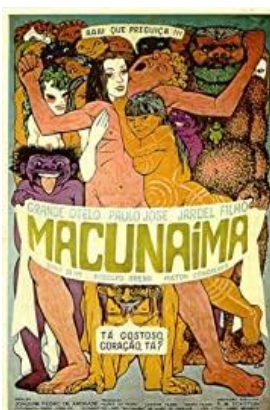


Que horas ela volta? (2015)
Dir.: Anna Muylaert



Val trabalha há 13 anos como empregada doméstica e babá. Sua filha, Jéssica, foi criada por parentes em outro estado. Ela vai morar com a mãe, mas as complexas relações entre patrões e empregados começam a ser tensionadas.

Macunaíma (1969) **Dir.: Joaquim Pedro de Andrade**



Baseado na obra de Mario de Andrade, o filme conta a história de Macunaíma, também conhecido como o herói sem nenhum caráter. Ele passa por diversas situações fantásticas em sua vida – como a mudança de etnia após entrar em um rio.

Central do Brasil (1998) **Dir.: Walter Salles**



Dora é uma ex-professora que escreve cartas na estação central do Rio de Janeiro para pessoas analfabetas. Ela acaba ajudando Josué, um menino de 9 anos que acaba de perder sua mãe, e eles partem em uma viagem para encontrar o pai do menino.

2 Coerência

A **coerência** está no nível da semântica e das ideias, ou seja, dos significados do texto para que ele mantenha uma relação lógica e compreensível. Ela pode aparecer na **estilística**, **gênero textual**, **pragmática**, **semântica**, **sintaxe** ou **tema**.

2.1 Coerência estilística

A coerência estilística diz respeito, literalmente, ao estilo em que o texto é escrito. Na sua prova, você deve redigir seu texto segundo a norma culta. Nesse caso, sua linguagem deve ser culta e não utilizar uma linguagem com marcas de oralidade, como usar o verbo **ter** no sentido de **haver**, como fazemos com frequência na comunicação mais informal. Vejamos alguns dos erros mais comuns com relação a esse uso da oralidade.

Uso de gírias: cuidado com a ampliação de significação de determinados verbos.

Uso de regência verbal com influência da oralidade: é comum usarmos algumas marcas de oralidade na regência dos verbos. Um dos casos mais recorrentes é o uso do verbo **implicar**, com sentido de “causar”, com a preposição EM, sendo que a gramática vê esse significado como transitivo direto.



Verbo ter no sentido de existir: ainda que comum na fala, esse erro é considerado uma incoerência de estilo na sua redação.

2.2 Coerência de gênero textual

Esse é, sem dúvida, o tipo de incoerência mais comum nas redações dos exames. Usualmente, temos a cobrança de um texto dissertativo-argumentativo, em que a defesa da tese é a parte principal de seu texto, com argumentos sustentados, como dizemos desde o começo de nossas aulas. Podemos dizer que esse é o tipo mais comum de incoerência de seu texto, dado que, em muitos momentos, vocês acabam explicando muito mais do que argumentando. Vejamos um exemplo.

Em primeira análise, Foucault indica que, na sociedade moderna, a punição exemplar dá lugar à vigilância constante, fazendo com que exista uma relação clara de medo de se cometer crimes, dado que as pessoas sabem dessa vigilância. Uma prova dessa ideia é encontrada em pesquisa realizada, em 2012, pelo MIT, indicando que os crimes de furto em lojas de conveniência, nos Estados Unidos, caem cerca de 70% em locais que indicam a existência de vigilância por câmeras. Dessa forma, nota-se que a ideia de Foucault é atual e comprovada.

No exemplo acima, temos a construção de um parágrafo dissertativo-expositivo e não de um parágrafo argumentativo. Isso é comprovável pelo fato de analisarmos que não há uma afirmação que nos sirva de argumentação. Temos, assim, somente o que chamamos de repertório, inclusive bastante comprovável.

2.3 Coerência pragmática

A coerência pragmática está relacionada com o contexto aplicado. Na realidade, a pragmática se relaciona com o que se quer dizer em um determinado contexto e naquilo que acabamos dizendo de verdade, envolvendo a chamada **intencionalidade discursiva**, que fala sobre as intenções do que se constrói em um texto.

Esse tipo de coerência é “ferido”, ainda, em casos nos quais construímos “expectativas” no nosso texto e não as cumprimos. Por exemplo, quando você indica uma pergunta em sua introdução e não apresenta uma resposta para ela. Claro que não uma resposta direta, mas uma construção de resposta indireta. É muito comum, ainda, que essa coerência seja ferida quando não explicamos elementos que são importantes, por entendermos que elas são de conhecimento geral.

Por fim, é nesse tipo de coerência que se encaixa a ideia de “manutenção de pensamento” em nossa construção textual. Como assim, manutenção de pensamento? É



literalmente a ideia de que nossos argumentos devem sustentar uma mesma ideia, comprovando-a e não negando-a. É por conta desse tipo de pensamento que eu não recomendo o uso de argumentos a favor e argumentos contra, dado que, ao apresentarmos argumentos que são contrários à nossa tese, podemos construir uma relação incoerente no texto. Vamos dar uma olhada nisso.

A violência contra a mulher, na sociedade brasileira, é um grande problema, dado que remonta à ideia de que o Brasil é estruturado sobre uma base machista, que remete à construção histórica do país. Assim, entende-se que a violência contra a mulher persiste no Brasil em decorrência do machismo da sociedade.

Em primeira análise, é importante destacar que o machismo no Brasil é combatido ferrenhamente por todos. Segundo pesquisa encomendada pelo IBGE, houve uma queda de cerca de 80% dos casos de feminicídio no país no último ano.

No exemplo acima, exagerei um pouco para que vocês possam compreender a incoerência. No caso, temos uma tese que mostra que a violência contra a mulher é uma construção estrutural e que, por isso, ocorre com muita frequência. Certo. Contudo, no primeiro parágrafo de desenvolvimento, encontramos um argumento que aponta para o contrário. Isso é incoerência, encaixada na noção pragmática.

Como dito, esse é um dos principais erros da sua redação. Outro erro muito comum é o causado pelo uso de conjunções incorretas quanto à semântica, como ocorre com muita frequência com as conjunções adversativas. Tem sido cada vez mais comum encontrarmos redações em que os argumentos iniciam-se com um “contudo” ou um “entretanto”. Ao usar uma adversidade, o problema é que se nega tudo o que foi dito anteriormente.

A violência contra a mulher, na sociedade brasileira, é um grande problema, dado que remonta à ideia de que o Brasil é estruturado sobre uma base machista, que remete à construção histórica do país. Assim, entende-se que a violência contra a mulher persiste no Brasil em decorrência do machismo da sociedade.

Em primeira análise, nota-se que os homens ainda se colocam como superiores às mulheres na sociedade. (...)

Contudo, é importante destacar que o machismo no Brasil é combatido ferrenhamente por todos. Segundo pesquisa encomendada pelo IBGE, houve uma queda de cerca de 80% dos casos de feminicídio no país no último ano.



2.4 Coerência semântica

Esse tipo de coerência se aplica aos significados das palavras. É muito comum que, hoje, por muitos entenderem que as palavras difíceis irão chamar a atenção do corretor, fazendo com que ele “se impressione” com o seu nível linguístico. Esse é um dos maiores mitos que encontramos no processo de produção de texto.

Um dos casos que mais gosto de utilizar para a comprovação desse erro é o discurso de uma candidata ao Senado nas eleições de 2018. Esse discurso foi feito durante uma entrevista de rádio em que a candidata apresentou a seguinte construção:

“Eu pretendo atuar, o tempo inteiro, em detrimento da população do estado X”

Nessa construção, temos um erro bastante complexo com relação ao significado do discurso: **em detrimento** significa, literalmente, **contra, deixando de lado**. Dessa forma, a candidata, ao invés de afirmar que atuará em favor do povo de seu estado, disse que o deixará de lado. Complicado, não? Vejamos outros exemplos.

Problema	Exemplo
Contradições	Eu não bebo café. Vou me servir de uma xícara de café. (Se não bebo café, por que me serviria?)
Mau uso das palavras	A televisão transmite diversão. (Errado: transmitir tem a ver com a programação da televisão, não a sensação).
Palavras homófonas (mesmo som, mas significado diferente)	Conserto (Quando algo é consertado ou arrumado) e Concerto (Espetáculo musical)

2.5 Coerência sintática

Nesse tipo de coerência, trabalhamos com a ideia de que você deve manter suas expressões sintáticas “limpas”, evitando que inversões exageradas causem complicações e os chamados **truncamentos sintáticos**. Esse tipo de construção é apenas de forma contundente em sua redação. Nesse caso, encaixamos problemas de concordância e de regência.

Veja que ela tem uma relação muito direta com a coerência **estilística**. Contudo, vale sempre dizer que os problemas de coerência estilística e sintática serão descontados como erros de português e não como problemas de coerência mesmo. Atente-se para a escrita de sua redação.



2.6 Coerência temática

Na coerência temática, nos relacionamos diretamente com a manutenção do tema, não podendo haver **fuga a ele**, ou, ainda, **tangenciamento**, nome trazido pelo ENEM e que acabou se espalhando pelas demais correções de redação no país. A ideia principal é a de que devemos nos manter claramente dentro do tema, sem falar de elementos que não estão presentes no texto. Com relação ao tangenciamento, analisemos o caso a seguir.

O tangenciamento é uma “fuga parcial do tema”. Gosto muito de usar o tema do ENEM de 2014, em que tínhamos:

“A publicidade infantil em questão no Brasil”.

Esse tema era definido claramente quando líamos os textos motivadores da prova, que indicavam que deveríamos falar sobre a influência negativa que a publicidade voltada ao público infantil poderia ter.

Com essa definição clara, entendemos que, ao falar sobre as crianças participando de propagandas, ou, ainda, sobre o trabalho infantil, não havia fuga ao tema, mas um tangenciamento, dado que se falava sobre o assunto, mas não sobre o tema em específico.

Para esse assunto, assim como fizemos na construção da aula de coesão, apresentamos algumas questões para que você treine a compreensão do texto e suas implicações. Bora que só bora, Bolas de fogo!



3 Questões

1. (ITA-SP/2004)

Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico NÃO decorre da ordem dos termos.

- a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 19/10/2000)
- b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (Folha de S. Paulo, 26/01/2003)
- c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) Detido acusado de furtos de processos (Folha de S. Paulo, 8/7/2000)

2. (ITA-SP/2003)

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p. 3)

Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

- a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.



3. (IME/2016)

TEXTO 1

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHE É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universe dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação,



criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

TEXTO 2

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –



Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

- I. Silvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)
 - II. “(...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)
 - III. Silvania concorda e diz que (...) a verdade **suprema** é estanque. (...) (texto 1, 3º parágrafo)
 - IV. Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto 2, verso 2)
-
- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
 - b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
 - c) vestígio – modelo – importante – trevas;
 - d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
 - e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

4. (IME/2010 adaptada)

Observe este trecho do texto **Retirantes da educação** e responda a questão:

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que **cruzou** 4.521 quilômetros de Brasil, **superando** uma série de dificuldades, para **fazer** uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

MARCH, Rodrigo. **Retirantes da educação**. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.



No primeiro parágrafo do texto, as formas verbais “cruzou”, “superando” e “fazer” referem-se

- a) ao baixo nível da educação no Brasil.
- b) ao vocábulo “grupo”.
- c) ao vocábulo “barreiras de qualificação”.
- d) às retirantes Irinilda e Robéria e ao bebê João Vítor.
- e) à concretização do convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói.

5. (FUVEST/2016)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto* é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

*Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...*

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

*Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...*

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas

Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:

- a) "Assim mesmo morrera negro, morrera pobre.": havia morrido negro, havia morrido pobre.
- b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara.": Omolu dizia, no entanto, que não fora.
- c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina.": mas tão pouco sabiam da vacina.



- d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...]": não lhe esqueçam.
- e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...]": numa noite em que os atabaques.

6. (FUVEST/2010)

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do "Homo sapiens": o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao "Homo erectus".

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009. Adaptado.

No trecho "semelhante à de macacos", fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- a) A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- b) Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.
- c) Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- d) A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- e) Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

7. (FUVEST/2008)

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.

Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.



Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

Considere as seguintes afirmações:

- I. Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.
- II. Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.

Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:

- a) Com o corpo, ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem a ouve com o corpo.
- d) Sai para o estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

8. (FGV/2017)

Na frase “Apesar de aparentar ser uma ideologia justa, a meritocracia, por causa principalmente de disparidades socioeconômicas, revela-se imparcial, uma vez que só detêm méritos aqueles que são beneficiados com oportunidades para alcançá-los”, pode-se apontar incoerência devido ao emprego inadequado da palavra

- a) “ideologia”.
- b) “disparidades”.
- c) “imparcial”.
- d) “beneficiados”.
- e) “oportunidades”.



9. (IBMEC/2017)

Pizza por drone

Não ria, mas a entrega de pizzas nas noites de sexta e sábado é um problema para as grandes cidades. Em nome do conforto das famílias, os motoboys das pizzarias tomam as ruas com a preciosa carga, infernizam o trânsito, comprometem o ambiente com seus canos de descarga e neurotizam os motoristas fazendo bibibi. Sei bem que, diante do prazer que as pizzas proporcionam, seus consumidores fazem vista grossa a isso e ao despropósito de se comprometer um veículo de 200 kg para transportar um pacote de 2 kg.

Mas a tecnologia se preocupa. Agora, graças à Amazon e ao Google, são os satélites que trazem uma solução nova: a entrega por drone. Pede-se a pizza pelo celular; ela é acomodada num drone equipado com GPS e, em poucos minutos, chega, fofa e quentinha, à porta do prédio ou casa do cliente. Pode-se recolhê-la já de guardanapo ao pescoço. Não congestiona as ruas, não polui, não faz barulho e deixa um perfume de orégano no ar.

Mas há alguns inconvenientes. As autoridades não gostam que os drones voem à noite. A fiação aérea nas cidades não é favorável a objetos que voam baixo. E há ainda o risco de colisão com corujas e morcegos.

Mas, pelo menos, 59 anos depois do Sputnik, ficamos sabendo para que se inventou o satélite. Para acabar em pizza.

(Ruy Castro, Pizza por drone. Folha de S.Paulo, 31.08.2016. Adaptado)

Na organização textual, a frase que inicia o segundo parágrafo – Mas a tecnologia se preocupa – deve ser entendida como uma informação que

- a) se opõe às precedentes, marcadas pelo imediatismo do interesse próprio das pessoas.
- b) se coaduna com as precedentes, apresentando a justificativa para o despropósito.
- c) se distancia das precedentes, pois deixa de considerar as vantagens da tecnologia.
- d) se confunde com as precedentes, que também enfatizam a importância da tecnologia.
- e) se contrapõe às precedentes, as quais negam a necessidade de novas tecnologias.

10. (FGV/2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva.

Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.



– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de

Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. **A Legião Estrangeira**, 1964. Adaptado)

Considerando-se o contexto em que está empregado o período “O restaurante, **ao que se disse no jornal**, levantou-se como uma só pessoa.” (7.o parágrafo), a oração em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido ao enunciado, por:

- a) quando disseram algo no jornal.
- b) conforme o que se disse no jornal.
- c) caso se tenha dito algo no jornal.
- d) embora dissessem algo no jornal.
- e) à medida que se disse algo no jornal.

4 Gabarito

1. C

2. D

3. E

4. B

5. E

6. E

7. E

8. C

9. A

10. B



5 Questões comentadas

1. (ITA-SP/2004)

Assinale a opção em que a ambiguidade ou o efeito cômico NÃO decorre da ordem dos termos.

- a) O estudo analisou, por 16 anos, hábitos como caminhar e subir escadas de homens com idade média de 58 anos. (Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 19/10/2000)
- b) Andando pela zona rural do litoral norte, facilmente se encontram casas de veraneio e moradores de alto padrão. (Folha de S. Paulo, 26/01/2003)
- c) Atendimento preferencial para: idosos, gestantes, deficientes, crianças de colo (Placa sobre um dos caixas de um banco.)
- d) Temos vaga para rapaz com refeição (Placa em frente a uma casa em Campinas, SP.)
- e) Detido acusado de furtos de processos (Folha de S. Paulo, 8/7/2000)

Comentários:

Na alternativa C, a ambiguidade está na supressão de um termo que complete o sentido de “crianças de colo”, pois nessa construção o atendimento preferencial poderia ser para “pessoas com crianças de colo” ou apenas para as próprias “crianças de colo”.

Na alternativa A, a ambiguidade está na posição do termo “de homens”, que pode se referir tanto a “escadas” quanto a “hábitos”.

Na alternativa B, a ambiguidade está na posição de “de alto padrão”, que pode se referir a “casas” ou “moradores”.

Na alternativa D, a ambiguidade está na posição de “com refeição”, que pode se referir a “vaga” ou “rapaz”.

Na alternativa E, a ambiguidade está na posição de “de processos”, que pode se referir a “acusado” ou “furtos”.

Gabarito: C

2. (ITA-SP/2003)

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

(Jornal Comunicação, n.1, março 2002, p. 3)

Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,



- a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
- e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

Comentários:

A alternativa E é a correta, pois identifica a resposta do coordenador do curso para a preocupação da possível falta de mercado de trabalho para os formandos. Há uma relação de concessão inerente: ainda que haja muita mão de obra, há locais ainda inexplorados.

A alternativa A está incorreta, porque tem valor proporcional, ou seja, na medida que acontece X, Y ocorre também.

A alternativa B está incorreta, porque tem valor de consequência, como se o potencial de absorção tivesse sido criado por conta da grande quantidade de alunos formando.

A alternativa C está incorreta, pelo mesmo motivo da B, o valor de consequência.

A alternativa D está incorreta, porque tem valor de conclusão, ou seja, há muitos formandos, daí conclui-se que há mercado inexplorado.

Gabarito: E

TEXTO 1

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHE É VENDIDA

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de



Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como (1) nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso (2) informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa (3) perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia-a-dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que (4) três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou (5) apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (Conar) os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas,



quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

TEXTO 2

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Augusto dos Anjos

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

3. (IME/2016)

Marque a opção em que a respectiva substituição dos termos destacados não prejudicaria o sentido encontrado no contexto dado.

- I. Silvania (...) enxerga nesse processo um **resquício** da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. (texto 1, 2º parágrafo)



- II. “ (...) é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o **paradigma** de que o público é passivo” (texto 1, 3º parágrafo)
- III. Silvania concorda e diz que (...) a verdade **suprema** é estanque. (...) (texto 1, 3º parágrafo)
- IV. Monstro de escuridão e **rutilância**, (texto , verso 2)

- a) excesso – modelo – relevante – fluorescência;
- b) resto – arquétipo – absoluta – trevas;
- c) vestígio – modelo – importante – trevas;
- d) vestígio – modelo – absoluta – fluorescência
- e) excesso – arquétipo – máxima – fluorescência.

Comentário:

Esta é uma questão muito característica nos vestibulares do ITA e IME. Depende do vocabulário do aluno para conseguir responder.

- No Item I, “resquício” significa restos ou vestígios.
- No Item II, “paradigma” significa modelo ou ideia pré-concebida.
- No Item III, “suprema” significa absoluta ou total (neste contexto).
- No Item IV, “rutilância” significa luz ou brilho ou fluorescência.

Esta questão poderia ser resolvida por eliminação. As alternativas A e colocam “resquício” como sinônimo de excesso, sendo que é justamente o contrário. Das alternativas restantes, apenas a D apresenta correto sinônimo de “rutilância”.

Gabarito: D

4. (IME/2010 adaptada)

Observe este trecho do texto **Retirantes da educação** e responda a questão:

Irinilda da Silva, de 31 anos, deixou de amamentar a filha, de quatro meses, que ficou em casa com o pai. Robéria Gomes, de 36, viajou grávida e seu bebê, João Vítor, nasceu na quinta-feira passada, no Hospital Central do Exército, em Benfica. As duas são retirantes da educação: integram um grupo de 12 professores do Acre que **cruzou** 4.521 quilômetros de Brasil, **superando** uma série de dificuldades, para **fazer** uma pós-graduação. Um exemplo das barreiras de qualificação profissional no país. Hoje, 53% dos cursos de mestrado e doutorado estão no Sudeste; só 3,8% na Região Norte, a de menor cobertura.

MARCH, Rodrigo. **Retirantes da educação**. Caderno Boa Chance: O GLOBO, 10 de maio de 2009.



No primeiro parágrafo do texto, as formas verbais “cruzou”, “superando” e “fazer” referem-se

- a) ao baixo nível da educação no Brasil.
- b) ao vocábulo “grupo”.
- c) ao vocábulo “barreiras de qualificação”.
- d) às retirantes Irinilda e Robéria e ao bebê João Vítor.
- e) à concretização do convênio firmado entre a Universidade Federal do Acre (UFAC) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói.

Comentários:

A alternativa B está correta, pois pessoa verbal que realiza as ações descritas nos termos grifados é “grupo de 12 professores”, sendo que “grupo” é o núcleo desse sujeito. É possível confirmar essa informação pela concordância de “cruzou”, que indica que o termo referido era necessariamente singular.

A alternativa A está incorreta, pois não há o aparecimento desse termo no período e, portanto, não pode ser a que se refere.

A alternativa C está incorreta, pois “barreiras de qualificação” é plural.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da C: se refere a mais e uma pessoa, descritas textualmente, portanto é plural.

A alternativa E está incorreta pois não há o aparecimento desses termos no período, assim como a alternativa A.

Gabarito: B

5. (FUVEST - 2016)

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrerá negro, morrerá pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto* é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

*Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...*

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

*Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...*



E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, **Capitães da Areia**.

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas

Das propostas de substituição para os trechos sublinhados nas seguintes frases do texto, a única que faz, de maneira adequada, a correção de um erro gramatical presente no discurso do narrador é:

- a) "Assim mesmo morrera negro, morrera pobre.": havia morrido negro, havia morrido pobre.
- b) "Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara.": Omolu dizia, no entanto, que não fora.
- c) "Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina.": mas tão pouco sabiam da vacina.
- d) "Mas para que seus filhos negros não o esqueçam [...].": não lhe esqueçam.
- e) "E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas [...].": numa noite em que os atabaques.

Comentários:

A alternativa E é a correta, pois adiciona o “em”, necessário na construção da oração após o “numa noite”.

Esta questão exigia muitos conhecimentos de gramática combinados. Se a gramática for um problema para você na construção de um texto, considere uma revisão do nosso curso Gramática para o ITA.

A correção da alternativa A é incorreta, pois não foi feita nenhuma mudança. Apenas trocou-se o “morrera” mais que perfeito simples pelo “havia morrido” mais que perfeito composto.

A correção da alternativa B é incorreta pelo mesmo motivo da alternativa A: a substituição foi por sinônimos, não houve correção.

A correção da alternativa C é incorreta, pois “tampouco” dá ideia de adição, diferentemente de “tão pouco” que significa grande quantidade.

A correção da alternativa D é incorreta, pois o pronome oblíquo o verbo “esquecer” é transitivo direto não admite o pronome “lhe” (valor de objeto direto)

Gabarito: E

6. (FUVEST/2010)

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que



elas são muito parecidas com as do “Homo sapiens”: o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao “Homo erectus”.

Revista FAPESP, nº 157, março de 2009. Adaptado.

No trecho “semelhante à de macacos”, fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- a) A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- b) Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevê aberta à moda brasileira.
- c) Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- d) A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- e) Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

Comentários:

O recurso utilizado é a anáfora (recuperação de termo que apareceu anteriormente), neste caso, “anatomia”. Isto também ocorre na alternativa E, em que o pronome “a” (presente na formação o a craseado) retoma “concentração de poluentes”.

A alternativa A não demonstra um caso de anáfora, já que o termo grifado é um predicativo do sujeito.

A alternativa B não demonstra um caso de anáfora, pois não há aparecimento de nenhum termo anterior que possa substituir o termo grifado.

A alternativa C não demonstra um caso de anáfora, pelo mesmo motivo da B: não há termo equivalente retomar.

A alternativa D não demonstra um caso de anáfora, pois “da tolerância à corrupção” é complemento de cultura e não retoma termo anterior.

Gabarito: E

7. (FUVEST/2008)

Há muitas, quase infinitas maneiras de ouvir música. Entretanto, as três mais frequentes distinguem-se pela tendência que em cada uma delas se torna dominante: ouvir com o corpo, ouvir emotivamente, ouvir intelectualmente.



Ouvir com o corpo é empregar no ato da escuta não apenas os ouvidos, mas a pele toda, que também vibra ao contato com o dado sonoro: é sentir em estado bruto. É bastante frequente, nesse estágio da escuta, que haja um impulso em direção ao ato de dançar.

Ouvir emotivamente, no fundo, não deixa de ser ouvir mais a si mesmo que propriamente a música. É usar da música a fim de que ela desperte ou reforce algo já latente em nós mesmos. Sai-se da sensação bruta e entra-se no campo dos sentimentos.

Ouvir intelectualmente é dar-se conta de que a música tem, como base, estrutura e forma. Referir-se à música a partir dessa perspectiva seria atentar para a materialidade de seu discurso: o que ele comporta, como seus elementos se estruturam, qual a forma alcançada nesse processo.

Adaptado de J. Jota de Moraes, **O que é música.**

Considere as seguintes afirmações:

- I. Ouvir música com o corpo é senti-la em estado bruto.
- II. Ao ouvir-se música emotivamente, sai-se do estado bruto.

Essas afirmações articulam-se de maneira clara e coerente no período:

- a) Com o corpo, ouve-se música sentindo-a em estado bruto, ocorrendo o mesmo se ouvi-la emotivamente.
- b) Sai do estado bruto quem ouve música com o corpo, no caso de quem a sente de modo emotivo.
- c) Para sentir a música emotivamente, quem sai do estado bruto é quem a ouve com o corpo.
- d) Sai para o estado emotivo de ouvir música aquele que a ouvia no estado bruto do corpo.
- e) Quem ouve música de modo emotivo deixa de senti-la no estado bruto, próprio de quem a ouve com o corpo.

Comentários:

A alternativa E é a correta, pois mantém a relação de oposição entre os dois estados: o bruto e o emotivo, relacionando o corpo (bruto) e o sentimento (emotivo).

A alternativa A está incorreta, pois não ocorre o mesmo, mas sim o contrário: sai-se do estado bruto.

A alternativa B está incorreta, pois não há coesão entre as duas orações: uma não dialoga com o sentido da outra.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de finalidade entre as duas afirmações, mas sim oposição, contraste.

A alternativa D está incorreta, pois o “estado bruto” não é do corpo como afirma a oração, mas sim do “sentir”.

Gabarito: E



8. (FGV/2017)

Na frase “Apesar de aparentar ser uma ideologia justa, a meritocracia, por causa principalmente de disparidades socioeconômicas, revela-se imparcial, uma vez que só detêm méritos aqueles que são beneficiados com oportunidades para alcançá-los”, pode-se apontar incoerência devido ao emprego inadequado da palavra

- a) “ideologia”.
- b) “disparidades”.
- c) “imparcial”.
- d) “beneficiados”.
- e) “oportunidades”.

Comentários:

Se o texto afirma que a meritocracia só “aparenta” ser justa e que apenas uma parcela da população consegue usufruir verdadeiramente dela, ela não pode ser considerada “imparcial”.

É uma questão de coerência, não de gramática. É preciso entender o texto e procurar por alguma palavra que não faça sentido ali, seja pelo significado ou pela sonoridade. Neste exercício, nenhum dos outros itens apresenta incoerências quanto ao significado.

Gabarito: C

9. (IBMEC/2017)

Pizza por drone

Não ria, mas a entrega de pizzas nas noites de sexta e sábado é um problema para as grandes cidades. Em nome do conforto das famílias, os motoboys das pizzarias tomam as ruas com a preciosa carga, infernizam o trânsito, comprometem o ambiente com seus canos de descarga e neurotizam os motoristas fazendo bibibi. Sei bem que, diante do prazer que as pizzas proporcionam, seus consumidores fazem vista grossa a isso e ao despropósito de se comprometer um veículo de 200 kg para transportar um pacote de 2 kg.

Mas a tecnologia se preocupa. Agora, graças à Amazon e ao Google, são os satélites que trazem uma solução nova: a entrega por drone. Pede-se a pizza pelo celular; ela é acomodada num drone equipado com GPS e, em poucos minutos, chega, fofa e quentinha, à porta do prédio ou casa do cliente. Pode-se recolhê-la já de guardanapo ao pescoço. Não congestiona as ruas, não polui, não faz barulho e deixa um perfume de orégano no ar.

Mas há alguns inconvenientes. As autoridades não gostam que os drones voem à noite. A fiação aérea nas cidades não é favorável a objetos que voam baixo. E há ainda o risco de colisão com corujas e morcegos.

Mas, pelo menos, 59 anos depois do Sputnik, ficamos sabendo para que se inventou o satélite. Para acabar em pizza.

(Ruy Castro, Pizza por drone. **Folha de S.Paulo**, 31.08.2016. Adaptado)



Na organização textual, a frase que inicia o segundo parágrafo – Mas a tecnologia se preocupa – deve ser entendida como uma informação que

- a) se opõe às precedentes, marcadas pelo imediatismo do interesse próprio das pessoas.
- b) se coaduna com as precedentes, apresentando a justificativa para o despropósito.
- c) se distancia das precedentes, pois deixa de considerar as vantagens da tecnologia.
- d) se confunde com as precedentes, que também enfatizam a importância da tecnologia.
- e) se contrapõe às precedentes, as quais negam a necessidade de novas tecnologias.

Comentários:

O “mas” é um conectivo que indica oposição. Neste caso, há uma oposição entre a vontade de receber a pizza rapidamente e, nesse ínterim, não se preocupar com os efeitos causados no trânsito. Por isso, a alternativa correta é a A.

A B está incorreta, pois a relação estabelecida é de oposição, não de concordância com o exposto.

A C está incorreta, pois considera as vantagens: a tecnologia se preocupa com o que as pessoas não se preocupam.

A D está incorreta, pois no parágrafo anterior não há menção à importância da tecnologia anteriormente, mas sim a descrição das entregas feitas pelos motoboys.

A E está incorreta, pois – ainda que não mencione especificamente a tecnologia – fica implícito que há necessidade de mudança no modo caótico e entregas.

Gabarito: A

10. (FGV/2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva.

Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de



Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. **A Legião Estrangeira**, 1964. Adaptado)

Considerando-se o contexto em que está empregado o período “O restaurante, **ao que se disse no jornal**, levantou-se como uma só pessoa.” (7.o parágrafo), a oração em destaque pode ser substituída, sem prejuízo de sentido ao enunciado, por:

- a) quando disseram algo no jornal.
- b) conforme o que se disse no jornal.
- c) caso se tenha dito algo no jornal.
- d) embora dissessem algo no jornal.
- e) à medida que se disse algo no jornal.

Comentários:

A oração destacada deixa claro onde estava a informação apresentada. O narrador não estava no local: ficou sabendo pelo fato pelo jornal. Portanto, “ao que se disse” pode ser substituído por “segundo” ou qualquer outra expressão que denote conformidade. É o caso da alternativa B, conforme.

A alternativa A está incorreta, pois a relação não é temporal, como expressaria o “quando”.

A alternativa C está incorreta, pois não há dúvidas ou concessões quanto ao que foi dito, como expressaria o “caso”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de oposição, mas sim de conformidade.

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo da A: não há relação temporal ou sequencial como denotaria “à medida que”.

Gabarito: B



6 Propostas de redação

Proposta I

(ITA/2018)

Texto 1

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida.

não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.



Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, decepções afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

VARELLA, D. A arte de envelhecer. Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>> Acesso em: mai. 2017.

Texto 2

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
não quero morrer pois quero ver
como será que deve ser envelhecer
eu quero é viver pra ver qual é
e dizer venha pra o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar
eu quero que a panela de pressão pressione
e que a pia comece a pingar
eu quero que a sirene soe
e me faça levantar do sofá
eu quero pôr Rita Pavone*
no ringtone do meu celular
eu quero estar no meio do ciclone
pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome
que me chamem de velho gagá
pois ser eternamente adolescente nada é mais demodê
com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(ANTUNES, A. Envelhecer. Álbum Ao vivo lá em casa. 2010.)

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.



Texto 3

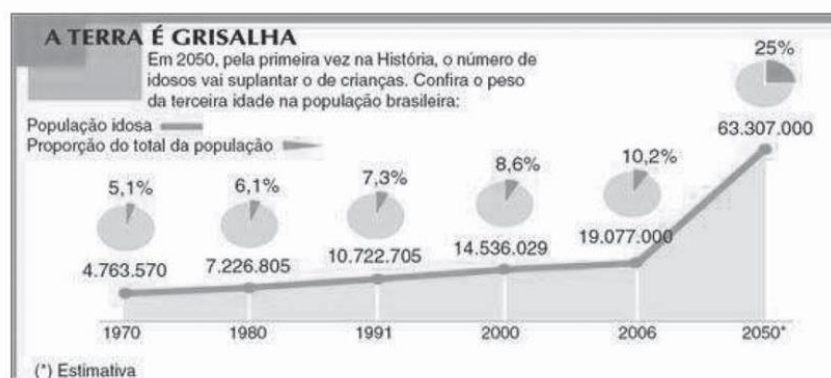
Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

Texto 4

O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de aging in place. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinho, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasill envelhecer-no-seculo-xxi/>>, 18 mar. 2016. Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.



Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/epsico/subjetivacao/tempo/velhice-graficos.html>>. Acesso em: 5 mai. 17.

Comentário:

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas ao envelhecimento da população, fato que modifica claramente a organização social.

O **Texto 1**, um texto expositivo-argumentativo, analisa o envelhecer a partir de uma perspectiva interessante: a inexorável fato de que todos envelhecem e, principalmente, a forma veloz, na percepção das pessoas, com que isso acontece. O autor destaca que, na



vida humana, há a marca constante da adaptação e da aprendizagem, visto que precisamos nos adaptar à velhice que chega, bem como aprender a lidar com os novos fatos. É uma visão importante para uma sociedade que envelhece cada vez mais. O argumento principal do autor, Drauzio Varella, é, exatamente, a ideia de que, na história evolutiva da humanidade, já passamos por momentos de modificação importantes, como a própria experiência de vivermos em sociedade. Interessante, também, é a discussão acerca do “endeusamento”, por assim dizer, da época da juventude, hoje tão diferente do século XX. Varella destaca, ainda, que, para Varella, a evolução da ciência permite exatamente o aumento da expectativa de vida, visto que a medicina evolui da mesma forma e momentos de extermínio humano, tais como epidemias, são menos comuns, visto que a cura das doenças, bem como sua prevenção, permite uma maior vivência por parte dos seres humanos.

O **Texto 2**, um texto poético, como costumamos apresentar as músicas, discute, a relação de modernização com o ato de envelhecer. Para o eu lírico, o envelhecimento não é uma coisa ruim, mas uma forma de modernizar-se. Há, durante todo o texto, uma tentativa, por parte do eu lírico, de convencer o leitor a valorizar a vida e valorizar o envelhecer. Tal posicionamento, como aparece no texto 1, é motivado, sem dúvida, pela forma como as pessoas olham e interpretam o envelhecimento em nossa sociedade, como uma coisa não desejada, que colocará de lado aquele que envelheceu. O eu lírico ainda faz referência à perda de memória no final da vida, perdendo a vergonha de ser mais velho. Para terminar a música, é apresentada a ideia de que os mais velhos podem considerar-se jovens sem que isso seja uma vergonha, ou, ainda, sem que isso seja uma coisa errada. O objetivo é entender que é possível envelhecer e “permanecer vivo”, no sentido mais filosófico da expressão.

O **Texto 3**, um texto jornalístico, apresenta uma notícia que toca em um ponto bastante interessante com relação à maturidade: a relação com a produtividade do mercado de trabalho. Segundo a revista, criou-se uma agência virtual, uma *startup* (nome dado aos negócios virtuais criativos, normalmente, com investimentos menores para começar uma empresa), para fazer a ligação entre os mais velhos, acima dos 50 anos, e empregos. O texto mostra-se extremamente atual, visto que essa é uma das discussões mais frequentes: há lugar no mercado para as pessoas mais velhas? Pelo jeito, sim!

O **Texto 4**, outro jornalístico, aborda exatamente a necessidade de criação de um nicho de mercado para os mais velhos. Como o Brasil, segundo estudos, deverá ser o país com o maior número de idosos do mundo (isso é extremamente positivo para um país que sempre teve sérios problemas com a expectativa de vida média da população), o mercado pode aproveitar-se das necessidades específicas dessa faixa etária e lucrar. Esse nicho é, principalmente, o de serviços que atendam aos consumidores em casa. Texto bastante interessante para apresentar ideias relacionadas, como veremos às formas “uberizadas”, como atualmente são chamadas, de atendimento e mercado. O desfecho do texto é uma informação bastante importante e interessante: a independência dos longevos.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- Recorte temático 1 – o envelhecimento, realidade brasileira, é necessariamente uma coisa positiva (melhor recorte a seguir, visto ser o principal nos textos).



Possíveis argumentos:

- Como, segundo o gráfico, em 2050, um quarto da população brasileira será de população idosa, onera-se a máquina estatal com relação à saúde e à previdência.
- No Brasil, não existe a tradição do planejamento, fato que atrapalha pessoas mais velhas com relação à manutenção de si em meio à sociedade.
- Aumentam os casos de depressão entre os mais velhos, principalmente porque muitos se sentem como não produtivos na sociedade.
- Apesar desse envelhecimento ser fruto de uma melhoria no desenvolvimento do país, há, ainda, uma série de funcionamentos “subdesenvolvidos” no país, fato que pode afetar o aproveitamento de vida dessas pessoas.
- O envelhecimento, se não vier acompanhado de melhoria em todos os níveis de interação social dos mais velhos, será negativo. Dessa forma, mascarar-se-á a situação brasileira pelos índices de crescimento demográfico.
- O avanço demográfico não implica somente o aumento da faixa idosa da sociedade. Necessariamente passa por uma diminuição da fertilidade da população e por, muitas vezes, o aumento da mortalidade entre os jovens e mais jovens. Dessa forma, índices de violência podem ser disfarçados por conta do aumento da expectativa de vida dos brasileiros.
- Ainda que tenhamos uma reforma consistente no processo de previdência brasileiro, se não houver uma estabilidade econômica, o problema permanecerá inalterado.

➤ Recorte temático 2:

Possíveis argumentos:

- O fato de que o Brasil terá, em 2050, um quarto de sua população em idade considerada idosa é extremamente interessante quando analisado a partir de uma visão de melhoria na qualidade de vida das pessoas.
- Abre-se, com uma população mais velha e produtiva, possibilidades de novos negócios e investimentos.
- Hoje, os especialistas já consideram que o Brasil ultrapassou a fase inicial de sua “virada demográfica”, termo cunhado para explicar o momento em que a pirâmide demográfica começa a virar.
- O envelhecimento da população não é um evento somente brasileiro, sendo comum em vários outros países em desenvolvimento, demonstrando que o fato de estarmos envelhecendo a população é consequência de estarmos nos tornando um país desenvolvido.
- Diferente dos países que tiveram modificações demográficas logo após a Segunda Guerra, a modificação de hoje é entendida como fruto da revolução tecnológica do final do século passado.



- Essa condição de envelhecimento é tida como irreversível no Brasil atual, fato que demonstra a melhoria, essencialmente, na saúde, principalmente a pública. Esse fato é muito interessante quando analisamos o país nas últimas décadas.

Proposta II

Texto 1

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entramos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, consequentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se



completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

Texto 2

Vídeos falsos confundem o público e a imprensa

Por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos clipes do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site *First Draft*, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o



Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo.”

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/terrorismo/videos-falsos-confundem-o-publico-e-a-imprensa/>. (Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

Texto 3



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQA78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)



Texto 4



http://4.bp.blogspot.com/-20adcvrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAAAAzQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg
(Acesso em 12/05/2016)

Comentário:

Proposta II

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à possível manipulação das pessoas por meio dos meios de comunicação. Ou seja, a ideia de que o público tem acesso, somente, a informações controladas por aqueles que têm alguma intenção com a notícia. É extremamente atual, principalmente se forem levadas em conta as relações de pós-verdade e *Fake News* que assolaram o mundo nesses últimos anos.

O **Texto 1** apresenta, de forma bastante expositiva em seu começo, as formas de se pensar a manipulação das grandes massas pelos veículos de comunicação. Dessa forma, desde a Escola de Frankfurt, percebe-se a existência de uma influência bastante severa com relação às grandes massas. Destaco, desse primeiro momento do texto, a teoria de Le Bon, segundo a qual o homem, quando colocado em meio à grande massa, perde sua individualidade e sua capacidade crítica, repetindo os comportamentos e pensamentos do restante da massa. Vale destacar que essa influência é vista de forma diversa: por meio das notícias apresentadas; propagandas construídas para que os consumidores tenham necessidades; programas de TV que apresentam programas idênticos; dentre outras possibilidades de comunicação. A partir do meio do texto, Francisco Ladeira apresenta sua forma de compreender o assunto: nem tudo pode ser visto como manipulador sem que, antes, seja analisado a fundo. É uma visão interessante com relação ao assunto, visto que, para muitos, a manipulação é certa e clara. Segundo o autor, as individualidades perfazem uma relação complexa entre cidadão e mídia, fato que impede que essa manipulação seja efetiva e imediatista. Segundo o autor, a mídia faz parte da rede de influências de uma pessoa, mas não necessariamente com o poder que lhe é atribuído pelos estudiosos. Por fim, ele apresenta uma pesquisa científica que comprovaria, segundo o texto, a imprevisibilidade das relações entre mídia e espectador.

O **Texto 2** é um texto jornalístico que apresenta fatos relacionados aos atentados de Bruxelas, no ano de 2016. Segundo a notícia, na onda dos atentados da cidade, teriam surgido vídeos falsos que estariam espalhando terror pela cidade, aproveitando-se dos momentos de grande comoção e medo da população. Esses seriam exemplos claros do que a modernidade se tornou: um palco em que importa a audiência.



Com o advento da internet, há uma disseminação muito maior de notícias como essas, que, também por serem veiculadas na rede, atingem um número muito maior de pessoas, sendo espalhadas e reproduzidas sem que, muitas vezes, se tenha certeza do que está sendo veiculado. Esses acontecimentos fizeram com que muitas empresas criem possibilidades de testar os conteúdos veiculados. Segundo texto, um problema sério desse tipo de problema é a possibilidade de disfarces que a web permite.

O **Texto 3** é uma tirinha de Calvin e Haroldo que, como é comum nesse gênero, apresenta uma crítica irônica, disfarçada na ludicidade do gênero. Assim, temos o personagem Calvin assistindo ao jornal que ele sabe ser manipulador e sensacionalista. O sensacionalismo é tido como um problema no meio jornalístico, visto que as notícias apresentam forte carga de manipulação, por escolherem determinado tipo de notícia, apresentada de forma a que o espectador conheça as coisas como é de vontade do produtor do jornal. É interessante perceber a ironia no último quadrinho, quando o menino expressa seu gosto positivo com relação ao jornal que parecia criticar. Claramente uma crítica ao comportamento das pessoas.

O **Texto 4** é outra tirinha, mas agora da muito conhecida Mafalda, criada pelo cartunista argentino Quino. Na tirinha, temos Mafalda contestando a televisão com relação à ideia de que existe um domínio do público com relação ao informe dos acontecimentos. Segundo a personagem, no que podemos perceber pela construção não verbal, acreditar que os espectadores têm alguma possibilidade de domínio sobre os acontecimentos é inocência, mas é possível. Isso fica claro pela expressão do adulto que “contracena”, na tirinha, com a menina Mafalda. Nesse texto, assim como no texto 3, há claro posicionamento em concordância com o pensamento de que a mídia é capaz de manipular as pessoas.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- Recorte temático 1 – o candidato pode abordar a ideia de que a mídia não é capaz de manipular tão claramente os espectadores, como apresentado na opinião do autor do texto 1. Destaco que, ainda que o candidato caminhe para o lado de que há certa influência na relação entre mídia e cidadão, a opinião não se encaixaria nesse recorte, visto que, ainda que seja pequena a influência, se ela existe, a resposta não poderia ser encaixada nesse recorte que apresentamos agora.

Possíveis argumentos:

- A construção de pensamento de um ser humano é muito maior do que se pode imaginar ou, ainda, reduzir. Dessa forma, é possível que entendamos a mídia como um dos fatores de influência, que não seria facilmente provado como influenciador.
- A função da mídia, essencialmente a noticiosa, é apresentar, aos espectadores os acontecimentos, com foco na informação. Claro que há possibilidades de haver mais de uma visão sobre a mesma notícia, mas isso não significa que há manipulação.
- A liberdade de expressão aparece como um problema a ser resolvido também, visto que temos que aceitar a possibilidade de expressão de todas as pessoas, confiando no bom senso de quem entra em contato com a mensagem.



- Se analisarmos friamente, todas as formas de expressão contêm intenções, devendo cada receptor da mensagem filtrar as informações que recebe.
 - A educação formal auxilia na construção do senso crítico, fato que evita a manipulação.
- Recorte temático 2 – o candidato pode abordar, seguindo os últimos três textos dessa proposta. Nesse caso, como explicitado acima, qualquer forma de influência deverá ser entendida como influência e manipulação.

Possíveis argumentos:

- São inúmeros os acontecimentos que são modificados para comprovar uma forma de pensar e que são repassados sem que haja provas.
- Com a facilidade de disparar informações, bem como com a velocidade do mundo moderno, muitas notícias e imagens não são checadas e acabam sendo repassadas de forma imediata.
- Nesse contexto, merecem destaque as *fake News*, uma vez que algumas pessoas, por receberem informações confiáveis de fontes que não levantam suspeita, repassam as informações que entram em uma espécie de *looping* de repasse.
- Os meios de produção estão cada vez mais potentes e amplos, por isso temos aumento na alienação e na manipulação das pessoas. Alienação e manipulação estão ligadas, visto que a alienação diminui o pensamento crítico.
- As bolhas virtuais contribuem para a construção e permanência de fatores manipuladores, visto que as pessoas entram em contato somente com aquilo que pode entender como verdade, ainda que não seja.
- Alguns órgãos de proteção à imagem proíbem vínculos entre alguns artistas e propagandas, bem como proíbem a possibilidade de uso de certas profissões em propagandas. Aconteceu, por exemplo, há um ano. A imagem de professores não pôde ser usada em uma série de manifestações no RJ, evitando a influência desses professores.
- A publicidade, em sua proximidade com a mídia, acaba por manipular os gostos. Essa proximidade pode ser vista com estilos que são “passados pra frente” pela mídia, de forma a convencer as pessoas de que devem utilizar determinada roupa ou determinada forma de consumo.



Proposta III

(ITA/2016)

Texto 1

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus "koans". "Koans" eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: "Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!". Aí o sinal fica verde e eu continuo.

"Mas que desmancha-prazeres você é!", vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: "Deixei o cursinho. Estou na universidade".

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.



Quando se pergunta a um jovem "O que é que você vai fazer?", o sentido dessa pergunta é "Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?". E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso "nobre" que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: "Como vai o Fulano?". Respondeu-me: "Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!".

(Rubem Alves. Diploma não é solução, **Folha de S. Paulo**, 25/05/2004.)

Texto 2

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e "inteligência", em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do "talento", com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.



O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

Com base no conteúdo dos textos de Rubem Alves e Sérgio Buarque de Holanda, extraia o tema da redação. Sobre ele redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista. Não copie, nem parafraseie os textos desta prova. Os dados das tabelas abaixo podem auxiliar na construção de sua argumentação.

Nas duas tabelas abaixo, são apresentados os valores médios de salários mensais de seis profissões. Para o exercício das três primeiras, é necessário ter formação universitária, enquanto para as três seguintes, a formação pode ser técnica ou adquirida pela experiência de trabalho, como é o caso de diversas profissões manuais no Brasil. Os dados são de 2005 e estão em moedas locais.

PAÍS → PROFISSÃO ↓	ALEMANHA (Euro)			ITÁLIA (Euro)			REINO UNIDO (Libra Esterlina)		
	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)
Dentista	3.294	38	45%	4.336	38	39%	2.706	36,8	30%
Engenheiro Químico	4.196	37,5	45%	4.336	38	39%	5.106	40	35%
Médico – Clínico Geral	4.500	38	45%	3.159	38	36%	3.200	36,8	30%
Carpinteiro	2.498	39	27%	1.711	40	27%	1.583	39	25%
Mecânico de carro	1.988	36,5	23%	1.490	39	25%	1.586	39,9	25%
Motorista de ônibus	2.340	38,5	26%	1.445	39	25%	1.365	39	23%

PAÍS → PROFISSÃO ↓	ESTADOS UNIDOS (Dólar)			BRASIL (Real)			CHINA (Yuan)		
	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)	Salário líquido	Horas/Semana	Desconto (Impostos)
Dentista	8.561	38	28%	4.450	38	33%	Sem dados disponíveis		
Engenheiro Químico	6.197	40	24%	5.246	40	33%	2.243	44	8%
Médico – Clínico Geral	11.696	43	30%	7.948	40	33%	3.833	44	8%
Carpinteiro	3.037	39,6	19%	596	43,8	8%	1.780	44	8%
Mecânico de carro	3.118	39,1	19%	756	43,8	8%	1.133	44	8%
Motorista de ônibus	1.898	29,4	16%	964	42,5	8%	1.083	44	8%

Fontes: <http://www.worldsalaries.org/>; United States Department of Labor; Statistisches Bundesamt; International Labour Organization (ILO); Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD); Organização Mundial da Saúde/World Health Organization (OMS/WHO); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).



Observações:

- Há variações nos valores médios dos salários, dependendo: (a) da especialidade, no caso de médicos e dentistas; (b) do empregador, se público ou privado; (c) da cidade ou região de cada país.
- Os impostos são em média, pois há variações nos descontos, dependendo do estado civil do empregado, do número de filhos e suas respectivas idades, dentre outros fatores conforme o país.

Posição dos seis países das tabelas acima entre as dez maiores economias do mundo em 2005:

País	Estados Unidos	China	Alemanha	Reino Unido	Itália	Brasil
Posição	1º lugar	2º	5º	6º	8º	9º lugar
PIB (em US\$)	12.409.465	8.572.666	2.417.537	1.926.809	1.667.753	1.627.262

Fontes: World Bank; IBGE

Comentário:**Proposta III**

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à diferença de tratamento entre aqueles que têm profissões oriundas de cursos superiores e aqueles que têm profissões fundamentadas em experiências. Esse é um tema extremamente contemporâneo e digno de discussão. A supervalorização social da educação superior é mais perigoso do que imaginamos.

O **Texto 1**, de Rubem Alves, é uma espécie de alerta, ao mesmo tempo que uma argumentação, contrária ao pensamento antigo, relacionado com a ideia de que a formação profissional válida é uma forma de garantia de sucesso. O autor, repetidas vezes, afirma que a entrada na universidade, assim como o diploma, com a conclusão do curso superior, seriam garantias de emprego, fato que, para o autor, não ocorre hoje. Hoje, o conhecimento “notório” pode substituir o diploma. Contudo, segundo o autor, a visão social da importância da entrada na vida acadêmica persiste, com pressões e alegrias e festas para essa entrada. Para ele, há “alegria na entrada e tristeza na saída”, porque o sonho de um emprego garantido, ainda que ao sair de uma universidade renomada, não consegue deixar de ser sonho e se tornar realidade. Uma das partes mais interessantes do texto é a visão de que o curso universitário não é uma ocupação, necessariamente. Como ponto essencial do texto, temos o tratamento daquilo que seria o sucesso na sociedade.

O **Texto 2** faz uma pequena análise histórica da mudança social dos empregos. Ou seja, apresenta uma comparação histórica de quando as ocupações mais simples passaram a ter menos valor social. Nossa sociedade atual, para o autor, apresenta uma elitização dos processos de trabalho: algumas profissões, em especial aquelas que estão sendo ofertadas nas universidades, apresentam maior valor do que outras, as que atendem a necessidades imediatas e corriqueiras. Para Sérgio Buarque, há uma transferência de importância ocasionada com a saída das pessoas do campo em direção à cidade. A cidade é o local da universidade, assim, ali, só têm valor as pessoas que estão matriculadas em um centro de ensino superior. A elite rural, inclusive, enviava seus filhos para estudar nas cidades, fato que se repete até hoje. Como Buarque trabalha com construções de diferenças entre elite e



classe menos privilegiada, temos, sem dúvida, a construção de um pensamento crítico com relação às profissões.

Os gráficos apresentam as diferenças salariais, de horas de trabalho e de descontos sobre cada um dos salários. É inegável, ao olhar os gráficos comparativos de seis das dez maiores economias do mundo, que há uma valorização imensa das profissões que apresentam estudo formal, em especial no Brasil. A discrepância é imensa e, em alguns momentos, profissões mais “manuais”, ganham menos, inclusive, do que o salário mínimo. Os gráficos servem, inclusive, para mostrar que essa forma de pensamento não é uma exclusividade brasileira, afetando os demais países ricos. Ou seja, não é possível afirmarmos que essa forma de pensar é uma ideia subdesenvolvida.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- Recorte temático 1 – o candidato pode se colocar a favor da ideia de que os empregos que envolvem conhecimento acadêmico são mais importantes que os empregos que envolvem conhecimentos mais práticos e passíveis de serem adquiridos pela experiência.

Possíveis argumentos:

- Há determinadas profissões que pressupõem a existência de um estudo formal, visto que algumas operações exigidas nessas profissões necessitam de estudo forma, tais como cálculos e conhecimentos biológicos.
- A formalização dos estudos sobre determinadas áreas permitiu um maior aprofundamento de algumas características necessárias a um bom desempenho em profissões específicas.
- A educação, acessível a todos aqueles que se interessam, garante a passagem, de forma diferente, de conhecimento social. Ou seja, os professores passam para os alunos, além da teoria, as experiências que adquirem com o passar dos anos.
- As universidades públicas são bastante boas no país, ofertando, aos cidadãos, as chances necessárias para uma boa formação profissional.
- Há profissões que são essenciais ao funcionamento de uma sociedade e que, muitas vezes, apresentam tempo de estudo extenso, fazendo com que o salário desses profissionais seja maior que o de muitas outras pessoas. Seria essa uma valorização para aqueles que decidem seguir por esse caminho.
- Recorte temático 2 – o candidato pode se colocar contra a ideia social de que há valorações diferentes para profissões que vêm atreladas a estudos acadêmicos, formais; e aquelas que são apreendidas com o tempo e a experiência.

Possíveis argumentos:

- Nossa sociedade vê, no fato de entrarmos em uma universidade, principalmente nas mais renomadas, como forma de sucesso. Espera-se o sucesso o tempo inteiro. Parece-nos que, para que a pessoa possa ser feliz, precisa passar por esse ritual: entrar e sair de uma universidade, saindo, claro, com o diploma em mãos.
- No Brasil, há, nos últimos anos, uma desvalorização dos cursos técnicos, em que a prática é colocada em primeiro lugar. Destaca-se que, durante muitos anos, os



cursos técnicos dominavam a formação de Ensino Médio, permitindo que as pessoas, ao se formarem na educação básica, já tenham profissões e formação.

- A elitização do ensino, no Brasil, dificulta a relação de profissão e ensino superior, visto que as vagas em instituições de ensino públicas acabam sendo ocupadas por uma pequena elite.
- A visão preconceituosa causada por essa distinção é extremamente perigosa e pode dar continuidade a pensamentos que deveriam ser deixados de lado, em busca que um tratamento igualitário entre as pessoas.
- A crise econômica acaba por derrubar o sonho do emprego perfeito, ainda que depois de muitos anos de estudo. Dessa forma, crescem os empregos com menores direitos trabalhistas e uberizados.

Proposta IV.

A charge reproduzida abaixo circulou pela rede Internet. Com base nas ideias sugeridas pela charge, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão.

Atenção: A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.



Comentário:

Proposta IV

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à modificação do comportamento das famílias com relação à educação formal e à maneira como enxergam a escola.

A charge traz à tona uma discussão extremamente atual e interessante: a mudança na forma de enxergar os professores e as responsabilidades dos filhos. De forma objetiva e clara, temos a ideia de que, antigamente, a cobrança era maior sobre os filhos, que deveriam estudar para alcançar sucesso escolar. Hoje, segundo a charge, temos a cobrança de que os estudantes são menos responsáveis por seu desempenho escolar. É como se os professores fossem os responsáveis exclusivos em fazer os estudantes estudarem.

Alguns especialistas afirmam que esta é uma das formas que as famílias têm de livrarem-se de responsabilidades. A geração atual sofre menos cobranças do que antigamente. Claro que as evoluções são inevitáveis e cobrar que, hoje, a forma de tratamento seja a mesma é, no mínimo, ilusório e falacioso.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- Recorte temático 1 – o candidato pode apresentar a ideia, por meio de argumentação, de que o comportamento familiar está correto, visto que os professores são os verdadeiros responsáveis por ensinar os estudantes, enquanto a família fica responsável por educar os filhos.

Possíveis argumentos:

- Em meio a discussões ideológicas, os professores devem tentar colocar, para os alunos, somente o conhecimento mais direto, sem opiniões ou subjetividades, que podem atrapalhar o aprendizado.
- Os professores devem entender que, com o passar do tempo, as formas de ensinar foram modificadas, assim como as formas de aprender.
- Os professores necessitam de formação continuada, visto que a geração atual precisa de estímulos diferenciados dos que os pais receberam.
- O sistema educacional necessita de modificações também com relação à infraestrutura, fato que atrapalha o aprendizado da geração *millenium*.
- Recorte temático 2 – o candidato pode apresentar a ideia, por meio de argumentação, de que o comportamento familiar se equivoca em momentos como o demonstrado na charge.

Possíveis argumentos:

- Os estudantes são responsáveis pela formação própria, com o apoio dos professores, ainda que estes possam melhorar as formas de apresentar conteúdos e metodologias de estudo.
- Se analisarmos a relação entre alunos e professores a partir do pensamento da pedagogia, teremos o professor como um facilitador do conhecimento, ou seja,



o aluno é responsável pelo seu processo de aprendizagem, facilitado pelo professor.

- Os pais, ao transferirem toda a responsabilidade dos fracassos dos filhos para os professores, atrapalham o desenvolvimento dos filhos e criam pessoas como que em redomas de vidro.
- Aumentam sensivelmente as possibilidades de que o estudante não se desenvolva e permaneça imaturo em algumas situações de vida.

7 Considerações finais

Estamos quase no fim de nosso curso de redação, Bolas de fogo.

Na próxima aula, traremos muitos temas para que vocês possam se preparar da melhor forma possível para seu exame, lembrando, sempre, que temos, no Estratégia, a possibilidade de correção ilimitada de redações. Use esse recurso da melhor forma e, você já sabe, não? Bora que só bora, Bolas!

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	23/05/2021	Primeira versão do texto.

